

# Ilhas: o começo e o fim do mundo

## *Islands: The Start and the End of the World*

Resenha escrita por Marília Teresinha de Sousa Machado\*

\*Bióloga, doutoranda em Desenvolvimento Sustentável, CDS - UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil  
E-mail: mariliatsm@yahoo.com.br

doi:10.18472/SustDeb.v6n3.2015.16644

### RESENHA

**Steven Roger Fischer. *Ilhas: de Atlântida a Zanzibar*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 432p. [Tradução de Claudia Freire]. ISBN 978-85-393-0550-6. Preço: R\$ 65,00. Inclui bibliografia, imagens e índice remissivo. Traduzido do original: *Islands: From Atlantis to Zanzibar* (London: Reaktion Books, 2012).**

O livro *Ilhas: de Atlântida a Zanzibar* é um estudo profundo sobre as ilhas. Pode ser encontrado nas livrarias, em estantes das ciências humanas, sociais e naturais. O autor, nascido nos Estados Unidos, é linguista e historiador. Ele próprio é morador de uma pequena ilha, chamada Waiheke, na Nova Zelândia. Ocupa o cargo de diretor do Instituto de Línguas e Literatura Polinésias, sediado em Auckland. Tem se dedicado à pesquisa histórica de temas ligados à cultura. Os seus livros anteriores incluem títulos como *A History of Language* (1999), *A History of Writing* (2001) e *A History of Reading* (2003).

Este livro agradará aqueles se interessam por questões da geografia, da geologia, da história, da biologia, da sociologia e da antropologia, sempre correlatas à origem da vida e à relação humana com o mundo natural por meio da cultura. Podemos considerar que a obra transita entre campos das ciências humanas e naturais.

O título deixa clara a sua temática. O texto aborda uma pequena parcela, ordenada de A a Z, do milhão de ilhas hospedadas no nosso planeta. Desperta o leitor para a relação existente entre os humanos e o meio natural, demonstrando como as ilhas, caracterizadas como universos pequenos e isolados, representam a história da humanidade e a evolução das espécies.

Para atingir o seu objetivo, o autor faz a obra trilhar o caminho de uma construção interdisciplinar, envolvendo aspectos geológicos, históricos, biológicos, políticos, econômicos, artísticos

e psicológicos. Dialoga com uma vasta bibliografia e tece um debate com as contribuições de múltiplos autores e pesquisadores. No entanto, revela uma predileção por Plínio, o Velho, naturalista romano que viveu entre os anos 23 e 79 d.C., autor da obra *Naturalis Historiae*, publicada entre 77 e 79 d.C. Fischer cita nada menos do que onze trechos Plínio.

Fischer sustenta que as ilhas constituem o berço, o destino e o marco da vida no planeta Terra. Argumenta que essas formações geográficas são corresponsáveis pela caracterização geológica e biológica da Terra como a conhecemos na atualidade. Assim, elas são protagonistas da história da formação do planeta e da origem da vida. O livro as define como estruturas que adquirem forma por meio da geologia, ganham vida pela ação da biologia e ganham significado por meio da cultura. As ilhas simbolizam a origem das plantas, dos animais e dos homínídeos. Constituem experiências vivas de episódios biológicos e culturais que capacitaram os humanos e os adaptaram a outros ambientes, permitindo que eles se expandissem pelo globo.

Para desfiar os seus argumentos, o autor apresenta uma ampla pesquisa sobre como os humanos têm transformado as suas relações com o mundo natural e ilustra esse processo de transformação com a ocupação humana das ilhas. Usa os exemplos de ilhas que abrigam países inteiros, como Cuba, Islândia e Madagascar; trata também de países formados por múltiplas ilhas, como Japão e Nova Zelândia. Há ainda ínsulas que hospedam desde pequenas comunidades agrícolas até as maiores metrópoles do planeta, como New York e Cingapura.

O autor divide o livro em nove capítulos. Os capítulos são interligados, para incutir no leitor o desejo de continuar a leitura, utilizando uma estratégia instigante: o título de cada capítulo remete o leitor ao tema que será tratado e se transforma em uma citação que consta do texto. Cada capítulo segue uma lógica de análise: abre com aspectos gerais sobre a temática pertinente e vai se afinando e focalizando pontos que funcionam como chamarizes e introduções para o capítulo seguinte.

A estrutura de capítulos segue uma gradação: o primeiro capítulo trata da formação do planeta; os seguintes discorrem sobre como a cultura humana foi modificando a geografia, a biologia, a história insular... Assim se chega ao último capítulo, que questiona toda a trajetória humana e a sua relação com as mais diferentes ilhas. Conclui a narrativa discutindo como esse vínculo pode resultar no apocalipse, depois do qual só restará a última ilha, o planeta todo, resultado da ação dos humanos e do próprio tempo.

O primeiro capítulo, sugestivamente intitulado "... de pedras e areia", analisa a formação das ilhas durante o inimaginável tempo geológico. Perpassa pela classificação delas quanto à idade, ao tamanho, e ao tipo de material geológico que as formam. O Brasil é citado como detentor de algumas centenas de ilhas, classificadas como continentais e, para o autor, "praticamente desconhecidas em outros países". São citadas a Ilha Grande, na costa do Rio de Janeiro, a ilha de Santa Catarina, onde fica Florianópolis, e a Ilha de Vitória, onde fica a capital do mesmo nome, no Espírito Santo. Outras ilhas e ilhotas de mundo são apresentadas, muitas delas detentoras do mesmo título das brasileiras: desconhecidas em outros países.

As questões sobre a biologia insular são abordadas no segundo capítulo, intitulado "... de folhas e penas", que discorre sobre o endemismo insular e a variedade das formas de vida. Um ponto que merece destaque é o fato de que a colonização nas ínsulas é descrita com detalhes, mas em momento algum o autor se refere aos criadores da famosa "teoria da biogeografia de ilhas", proposta por MacArthur e Wilson. O capítulo enfoca as ondas de depredação ecológica em várias ilhas detentoras de fascinantes biotas endêmicas, causadas pela caça, pelo desflorestamento, pela introdução de cães, de porcos e de ratos pelos humanos que as colonizaram. Dessa forma, o leitor se depara com episódios de eliminação gradual de grupos inteiros de animais e plantas. A maneira como essas espécies introduzidas contribuíram para a extinção ou redução

da flora e fauna nativas não é esclarecida e a discussão da questão fica aquém da gravidade dos problemas provocados.

Como uma forma de descrever as viagens marítimas que permitiram que os humanos ocupassem as ilhas ao redor do mundo, o autor escreveu o Capítulo 3, intitulado “... das primeiras pegadas”. Ao mesmo tempo, retoma as questões do extrativismo predatório, que consiste na retirada indiscriminada dos recursos naturais da natureza. O extrativismo tem sido realizado desde a pré-história e foi muito importante para a sobrevivência humana, mas foi também responsável pela redução e pelo desaparecimento de espécies animais e vegetais em muitas ilhas. Ao mesmo tempo, o texto retrata como essa atividade estimulou o comércio entre continentes.

Essa ótica facilita a passagem para o Capítulo 4, “... de estanhos e bronze” que aborda a economia e explica como a localização das ilhas é uma constante econômica determinante para as culturas dos residentes das ilhas e dos continentes. Uma narrativa dinâmica informa o leitor sobre como algumas ilhas prosperaram como entrepostos comerciais de cerâmica, de especiarias, de resinas, de marfim, de prata, de vinho, de óleo, de peixe, e de âmbar e como o destino delas foi selado pela indústria baleeira entre os anos 1790 e 1850, sobretudo no Pacífico. As ilhas se tornaram fornecedoras de matéria-prima para a Revolução Industrial, sobretudo o óleo de baleia. A demanda pelo óleo cresceu e as populações de baleias cachalote do Atlântico (e de outras espécies) caíram vertiginosamente. Com isso, os navios baleeiros rumaram para as ilhas do Pacífico, que por décadas se tornaram pontos de referência e de abastecimento para os seus tripulantes.

A partir dessa prosperidade, destaca-se o Capítulo 5 “... das primeiras nações”, que oferece um panorama sobre os conflitos entre nações insulares e continentais. Grandes contendas foram causadas por invasões, guerras coloniais e mundiais consumadas por minoicos e fenícios, gregos e romanos, sarracenos e turcos, ingleses e franceses, alemães e japoneses.

Nos Capítulos 6, 7 e 8, Fischer retoma a cultura como a maneira humana de se fazer presente nas ilhas. Esses capítulos tratam das formas como os humanos registraram as suas trajetórias nas ilhas por meio da expressão artística. Evocam a história da escrita e da literatura, da pintura, da escultura e da música. Grandes mestres da pintura, da escultura e da música nasceram, prosperaram e morreram nas ilhas. São exemplos: na pintura, Caravaggio (1571-1610), que morou em Malta, e Vincenzo Bellini (1801-1835), que viveu na Sicília. O leitor é aproximado dos grandes mestres a partir das percepções deles mesmos. Essa é uma estratégia facilitadora da leitura e que é agrada os iniciantes na temática. Além de apresentar ao leitor iniciante o tema das obras desses artistas, o livro transcreve versos que são verdadeiras odes às ilhas.

Partindo de uma abordagem crítica e da busca pela articulação entre as grandes questões atuais envolvendo as ilhas, o autor conclui a sua narrativa no Capítulo 9. Procura identificar quais são as constantes que limitam e definem a existência e o modo de vida insular, simplesmente inexistentes nos continentes. Assim como as ilhas se formaram ao longo do vasto tempo geológico, o autor prevê que elas vão perdurar após a extinção dos humanos. Daí surge a última constante limitadora: o tempo. Novamente o impensável tempo geológico será o arcabouço para as inúmeras modificações que ocorrerão no planeta até que e;e, a última ilha, seja tragada por um Sol inclemente.

O livro é recomendado para leitores que se interessam por temas variados, uma vez que ele oferece ao leitor uma viagem no tempo e no espaço, em diferentes escalas. Para o leitor iniciante, a leitura pode ser o ponto de partida para novas descobertas em vários campos do conhecimento.